



### COLETIVO QUILOMBOLA DA UNIFESSPA: O AQUILOMBAMENTO UNIVERSITÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA

Gilvan Maciel Gomes<sup>1</sup>

Mestrando em História (Unifesspa)



<https://orcid.org/0009-0000-1070-7390>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2025

#### RESUMO

O artigo aborda a importância do Coletivo Quilombola da Unifesspa na trajetória acadêmica dos estudantes quilombolas, destacando a luta histórica dessas comunidades por inclusão e justiça social. A pesquisa revela que o aquilombamento universitário atua como um espaço de resistência e fortalecimento da identidade coletiva, essencial para a permanência dos estudantes em um ambiente acadêmico frequentemente excludente. As narrativas dos participantes evidenciam a conexão entre suas vivências acadêmicas e a herança cultural dos quilombos, reforçando o desejo de contribuir com suas comunidades de origem. O estudo também aponta a necessidade de reavaliar as políticas de ação afirmativa para promover uma inclusão mais efetiva, ressaltando a relevância das vozes quilombolas na construção de um futuro mais justo e plural no Brasil.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Mestrando em História. E-mail: [maciel.gil.gomes@gmail.com](mailto:maciel.gil.gomes@gmail.com).



### PALAVRAS-CHAVE

Quilombola; Aquilombamento; Permanência; Educação Superior.

### Introdução

A luta histórica das comunidades quilombolas no Brasil por inclusão e justiça social reflete uma resistência contínua às práticas excludentes da colonização, ainda presentes hoje. No campo educacional, as políticas de ação afirmativa ampliaram o acesso ao ensino superior para populações marginalizadas. Na região sul e sudeste do Pará, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) se destaca com iniciativas como o Programa de Apoio ao Estudante Quilombola (PAEQUI) e a Bolsa Permanência. No entanto, as narrativas dos estudantes quilombolas revelam que, apesar de relevantes, essas políticas são insuficientes para superar os desafios da permanência acadêmica.

Nesse contexto, o Coletivo Quilombola, formalizado pela Associação de Discentes Quilombolas (ADESQUI), se destaca como um espaço de resistência e pertencimento, fundamentado no conceito de aquilombamento universitário. Inspirado no Quilombismo de Abdias do Nascimento<sup>2</sup>, o aquilombamento universitário é uma

---

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.



prática coletiva que valoriza a ancestralidade e a identidade cultural, ao mesmo tempo que promove o apoio mútuo entre os estudantes. Essa prática transcende a ideia de sobrevivência, configurando-se como uma ação decolonial que questiona as estruturas eurocêntricas do ensino superior e desafia a invisibilidade histórica da presença negra nesse espaço.

O artigo dialoga com o conceito de movimentos históricos ao refletir sobre como o Coletivo Quilombola da Unifesspa confronta as narrativas coloniais que permeiam as instituições acadêmicas. O coletivo não apenas oferece suporte aos estudantes em meio às adversidades, mas também ocupa a universidade como espaço de transformação social e reconstrução epistemológica. Essa atuação reforça o protagonismo dos estudantes quilombolas como agentes de mudança e resistência.

Com o objetivo de compreender como o aquilombamento universitário promovido pelo coletivo contribui para a permanência acadêmica, este trabalho analisa as lacunas das ações afirmativas institucionais e a relevância do coletivo para o sucesso dos discentes. Fundamenta-se no Quilombismo e em diálogos com autores como Oliveira et al.<sup>3</sup> e Trindade et al.<sup>4</sup>, que destacam a importância do pertencimento e da resistência na luta contra práticas coloniais.

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. et al. "A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa": aquilombamento no contexto da educação das relações étnico-raciais. *Revista UFG*, Goiânia, v. 21, p. e21.69092, 2021.

<sup>4</sup> TRINDADE, A. et al. Permanência de estudante quilombola em universidade pública: desafios e perspectivas. *Revista Educação Foco*, Juiz de Fora, v. 27, p. e27068, 2022.



A pesquisa utiliza a História Oral para explorar as experiências dos estudantes quilombolas da Unifesspa, por meio de entrevistas com membros do coletivo. As narrativas, entendidas como fontes históricas, conferem centralidade às vozes dos sujeitos, reconhecendo suas vivências como fundamentais para a construção de um conhecimento contra-hegemônico. Dessa forma, este artigo contribui para os debates sobre inclusão e permanência no ensino superior, evidenciando o papel do Coletivo Quilombola como um movimento de resistência, decolonialidade e transformação social.

### Metodologia: História Oral e as Vozes do Coletivo Quilombola

A metodologia de história oral foi adotada como eixo central para a investigação sobre o coletivo quilombola da Unifesspa e seu impacto na trajetória acadêmica dos discentes. Essa abordagem permite captar as memórias, experiências e perspectivas dos sujeitos pesquisados, valorizando suas vozes na construção do conhecimento histórico. Conforme Marieta de Moraes Ferreira “a linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e



reequaciona as relações entre passado e presente”<sup>5</sup>. Tal enfoque é essencial para compreender as trajetórias dos estudantes quilombolas em um espaço de ensino superior.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis estudantes quilombolas, todos vinculados ao Instituto de Ciências Humanas (ICH), além da previsão de uma entrevista adicional com uma discente do curso de Educação no Campo. Os entrevistados foram selecionados com base em critérios como curso de origem, comunidade quilombola e disponibilidade para participar da pesquisa. Essa seleção intencional buscou garantir uma diversidade de perspectivas e experiências. Segundo Thompson<sup>6</sup>, “todo homem e toda mulher têm uma história de vida para contar que é de interesse histórico e social”, reforçando a relevância da história oral como ferramenta para dar protagonismo aos sujeitos.

As entrevistas foram realizadas com os discentes:

- Natália da Cunha Sacramento<sup>7</sup>;

---

<sup>5</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002, p. 324.

<sup>6</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed., 2002, p. 10.

<sup>7</sup> SACRAMENTO, Natália da Cunha. *Discente quilombola curso de Lic. História e moradora do Quilombo de Calados*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes, 23 de julho de 2024. Entrevista realizada em formato online via Google Meet, devido à greve que levou os estudantes de volta às suas comunidades.



- Mariheliz Moreira Santos<sup>8</sup>;
- Lucas Trindade<sup>9</sup>;
- John Herbert Alves Morgado<sup>10</sup>;
- Raysson Santa Rosa Pinheiro<sup>11</sup>;
- Deleon Soares Vieira<sup>12</sup>.

O roteiro das entrevistas foi elaborado para equilibrar perguntas orientadoras com espaço para que os participantes narrassem livremente suas experiências. Entre os temas abordados, destacam-se as expectativas em relação às políticas afirmativas, os desafios encontrados e o impacto social e individual de sua implementação. Essa estrutura flexível permitiu que as narrativas emergissem de forma autêntica, alinhando-se à observação de

---

<sup>8</sup> SANTOS, Mariheliz Moreira. *Discente do curso de Pedagogia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.

<sup>9</sup> TRINDADE, Lucas. *Egresso do curso de Geografia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.

<sup>10</sup> MORGADO, John Herbert Alves. *Discente do curso de Lic. História e morador da Comunidade Quilombola Nova Jutai*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 9 de maio de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.

<sup>11</sup> PINHEIRO, Raysson Santa Rosa. *Discente do curso de Ciências Sociais e morador do Quilombo de Boa Vista*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 10 de maio de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.

<sup>12</sup> VIEIRA, Deleon Soares. *Líder do Coletivo de Estudantes Quilombola e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 10 de novembro de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.



Verena Alberti<sup>13</sup> de que “o trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos”.

A escolha pelo ICH justifica-se pelo fato de ser o instituto com o maior número de estudantes quilombolas matriculados, possibilitando uma análise mais abrangente das dinâmicas sociais e acadêmicas desse grupo. Ademais, as entrevistas foram complementadas por um questionário aplicado a 29 acadêmicos quilombolas de diversos cursos da Unifesspa, ampliando o escopo da investigação. Essa combinação de técnicas segue a perspectiva de Ferreira<sup>14</sup>, que destaca a complementaridade entre documentos formais e fontes orais como uma abordagem enriquecedora para o estudo dos processos históricos.

Por fim, a história oral não apenas registra experiências, mas também contribui para a construção de identidades e a afirmação de grupos marginalizados no contexto acadêmico. Como afirma Portelli<sup>15</sup>, as representações das experiências vividas são mediadas por estruturas sociais e ideológicas, demandando uma leitura crítica que situe as narrativas em seus contextos históricos e culturais. Dessa forma, a metodologia adotada reafirma o compromisso de valorizar as vozes dos sujeitos pesquisados, promovendo uma

---

<sup>13</sup> ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: *Simpósio Nacional De História* (22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10 f. p. 1.

<sup>14</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, dez. 1996.



reflexão mais ampla e inclusiva sobre o impacto das políticas afirmativas na educação superior.

### Políticas de Ação Afirmativa e o Contexto da Unifesspa

As políticas de ação afirmativa no Brasil, implantadas nos anos 2000, são fundamentais para promover inclusão e equidade social, especialmente para grupos historicamente marginalizados. Como destaca Joaquim B. Barbosa Gomes<sup>16</sup>, essas políticas buscam concretizar a igualdade material, mitigando discriminações de raça, gênero e outras formas de exclusão. Nesse contexto, comunidades quilombolas, formadas por africanos escravizados em busca de liberdade, ganharam destaque ao reivindicar não só o direito à terra, mas também o reconhecimento étnico-racial e maior inclusão em espaços como o ensino superior.

O avanço das ações afirmativas no Brasil se relaciona diretamente com a implementação de políticas que reconhecem a necessidade de corrigir desigualdades estruturais. Moehlecke<sup>17</sup> destaca que essas medidas respondem a uma urgência histórica de combate às desigualdades perpetuadas pela ausência de mecanismos antissegregacionistas eficazes. Nesse contexto, a inclusão de quilombolas nas

---

<sup>16</sup> GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa e o princípio constitucional da igualdade*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

<sup>17</sup> MOEHLECKE, Sabrina. *Ação afirmativa: história e debates no Brasil*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 197-217, nov. 2002. Disponível em: <[www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)>. Acesso em: 5 dez. 2024.



universidades representa uma tentativa de reparação histórica e justiça social, proporcionando acesso a oportunidades que anteriormente lhes eram negadas.

Na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), as políticas de ação afirmativa têm sido um pilar essencial para ampliar o acesso e a permanência de estudantes quilombolas. Entre as iniciativas mais relevantes está o Processo Seletivo Específico Indígena e Quilombola (PSIQ), que reserva vagas adicionais em todos os cursos, garantindo que os discentes desses grupos possam ingressar na universidade considerando suas particularidades. Além disso, a instituição oferece programas como o Programa de Apoio ao Estudante Quilombola (PAEQUI), a Bolsa Permanência do MEC e subsídios para alimentação, transporte e moradia, evidenciando um compromisso com a redução das desigualdades no ambiente acadêmico.

Apesar desses avanços, os desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas na universidade são significativos, especialmente em regiões como o sul e sudeste do Pará. A Unifesspa, situada em uma área marcada por desigualdades socioeconômicas e disputas fundiárias, acolhe discentes de comunidades quilombolas<sup>18</sup> amplamente distribuídas pela região, como Umarizal, Calados, Nova Jutai e Igarapé Preto. Esses estudantes, além de enfrentarem barreiras financeiras, lidam com questões de deslocamento, adaptação a um

---

<sup>18</sup> Por meio de um pedido feito por mim via Fala.BR, e respondido pelo Núcleo de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (Nuade) da Unifesspa, foi informado que há alunos de pelo menos 15 comunidades quilombolas distintas na Unifesspa, com base no censo realizado pelo Núcleo em 2023. Vale ressaltar, contudo, que os números fornecidos não estão completamente consolidados, pois o censo não foi obrigatório, e nem todos os discentes responderam ao questionário.



ambiente acadêmico predominantemente eurocêntrico e o enfrentamento de preconceitos étnico-raciais.

Esses desafios revelam as limitações institucionais em atender às demandas específicas desses discentes. Embora os programas de assistência estudantil sejam fundamentais, eles não conseguem suprir plenamente as necessidades relacionadas à valorização da identidade cultural e à criação de um ambiente inclusivo. Como afirma Gomes<sup>19</sup>, as ações afirmativas são um passo inicial, mas precisam ser complementadas por estratégias que contemplem a diversidade interna desses grupos e promovam sua plena integração acadêmica e social.

Nesse cenário, espaços de resistência como o Coletivo Quilombola se tornam imprescindíveis. Na Unifesspa, o coletivo, formalizado pela Associação de Discentes Quilombolas (ADESQUI), desempenha um papel central na articulação de estratégias de apoio mútuo e na construção de um ambiente que valorize a cultura quilombola. Por meio do aquilombamento universitário, os estudantes quilombolas encontram não apenas suporte emocional, mas também um espaço de pertencimento e troca de saberes.

O Coletivo Quilombola atua como um contraponto às limitações institucionais, promovendo ações que reforçam a identidade cultural e a valorização das raízes quilombolas. Esse espaço de articulação e resistência transcende a função de um suporte

---

<sup>19</sup> GOMES, Joaquim B. Barbosa. *Ação afirmativa e o princípio constitucional da igualdade*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.



acadêmico, configurando-se como um movimento decolonial que desafia as narrativas eurocêtricas que ainda predominam na universidade.

O Coletivo Quilombola desempenha um papel fundamental ao reunir estudantes de diversas comunidades, promovendo a troca de experiências e fortalecendo a luta coletiva por direitos e reconhecimento. Sua presença na universidade questiona estruturas de poder e contribui para a valorização de saberes ancestrais, construindo uma nova epistemologia. No contexto da Unifesspa, apesar da relevância das políticas de ação afirmativa, estas se mostram insuficientes para garantir a permanência dos estudantes quilombolas, que encontram no Coletivo a força necessária para enfrentar desafios acadêmicos, culturais e sociais, reafirmando o quilombamento como estratégia de resistência e transformação.

## Quilombismo e Aquilombamento Universitário: Bases Teóricas

Abdias do Nascimento<sup>20</sup> conceitua o Quilombismo como um projeto político e cultural que transcende o contexto histórico dos quilombos para se consolidar como uma proposta de resistência e reconstrução social. Mais do que uma formação territorial, o quilombo é símbolo e prática de enfrentamento ao racismo estrutural, fundamentado em

---

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.



valores de solidariedade, liberdade e justiça social. Essa perspectiva teórica embasa o quilombamento universitário como uma forma contemporânea de resistência, desafiando a hegemonia eurocêntrica do ensino superior e reafirmando o papel transformador da coletividade.

O conceito de quilombamento, segundo Beatriz Nascimento<sup>21</sup>, refere-se ao processo de buscar, formar e se tornar quilombo, assumindo uma posição de resistência contra-hegemônica. Esse processo conecta-se ao princípio africano de Sankofa, que sugere resgatar o passado para construir um presente e futuro mais plural. No contexto acadêmico, o quilombamento desafia a colonialidade do saber, como também discutido por Lélia Gonzalez<sup>22</sup> em sua teoria da Amefricanidade, que articula narrativas afro-indígenas e enfrenta as estruturas racistas e imperialistas que permeiam as universidades.

A interseccionalidade das opressões, conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw<sup>23</sup>, amplia a análise teórica do quilombamento universitário. A autora destaca que o racismo, o sexismo e as desigualdades sociais operam de forma interligada, demandando estratégias que reconheçam essa complexidade. Nesse sentido, o coletivo quilombola na universidade atua não apenas como resistência ao racismo, mas também

---

<sup>21</sup> NASCIMENTO, Beatriz. *Orí* (1989). Fragmento do release de divulgação para o lançamento de *Orí* (1989), dirigido por Raquel Gerber.

<sup>22</sup> GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de Amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

<sup>23</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.



como espaço de enfrentamento a outras formas de discriminação, promovendo uma inclusão que valoriza a diversidade e o pertencimento.

Kabengele Munanga<sup>24</sup> reforça que o racismo estrutural no Brasil está profundamente enraizado nas instituições, inclusive no sistema educacional, e aponta que é necessário um movimento coletivo para valorizar as contribuições históricas da população negra. O aquilombamento universitário, ao desafiar narrativas eurocêtricas, traz saberes ancestrais para o centro do debate acadêmico. Conforme Flávio Gomes<sup>25</sup>, “a formação de quilombos produziu histórias complexas de ocupação agrária, criação de territórios, cultura material e imaterial próprias”, e, no presente, o aquilombamento adapta esses valores coletivos às demandas por equidade e justiça social.

O aquilombamento universitário, assim, reflete a continuidade das lutas históricas por justiça e igualdade. Como afirma Stuart Hall<sup>26</sup>, “a identidade racial brasileira e as formas brasileiras de racismo estão no centro do debate político-cultural”. A prática do aquilombamento não é apenas um ato de resistência, mas também de dignidade coletiva.

---

<sup>24</sup> MUNANGA, Kabengele. O anti-racismo no Brasil. In: MUNANGA, K. (org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>25</sup> GOMES, Flávio. “No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XX. Vol. 10, nº 3, setembro/dezembro de 2006.

<sup>26</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.



Baseado no Quilombismo de Nascimento<sup>27</sup> e dialogando com Gonzalez<sup>28</sup>, Munanga<sup>29</sup> e Crenshaw<sup>30</sup>, ele reafirma a importância de epistemologias contra-hegemônicas que promovem inclusão, transformam estruturas institucionais e constroem uma sociedade mais plural.

### O Coletivo Quilombola da Unifesspa: Motivações para a formação do Coletivo

A formação do Coletivo Quilombola da Unifesspa emerge como uma resposta às necessidades específicas dos estudantes quilombolas no espaço universitário, caracterizando-se como um ato de organização coletiva e resistência. De acordo com Deleon Soares Vieira, líder do coletivo, a criação dessa estrutura partiu de uma demanda concreta por suporte acadêmico, emocional e cultural aos discentes provenientes de diversas comunidades quilombolas. “A gente tem uma organização... para estar fortalecendo o nosso grupo, para estar fortalecendo a nossa estrutura de combater algum

---

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

<sup>28</sup> GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de Amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

<sup>29</sup> MUNANGA, Kabengele. O anti-racismo no Brasil. In: MUNANGA, K. (org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>30</sup> CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.



tipo até mesmo de violência ou racismo dentro da instituição”<sup>31</sup>. Esse depoimento reflete a função primordial do coletivo como espaço de acolhimento e defesa de direitos.

Uma das principais motivações para a formação do coletivo foi a necessidade de criar uma rede de apoio que conectasse estudantes oriundos de diferentes comunidades, promovendo o fortalecimento identitário e a solidariedade. Vieira explica que o coletivo se estruturou para “receber esses discentes de outros lugares, de outros quilombos, também dessas diversidades culturais, para estar somando dentro da instituição”<sup>32</sup>. Essa iniciativa ressalta a importância de um espaço coletivo que valorize as experiências compartilhadas e os desafios comuns enfrentados pelos estudantes quilombolas.

O contexto histórico e social também influenciou significativamente na formação do coletivo. Conforme relatado por Vieira, a parceria inicial entre os coletivos quilombola e indígena foi motivada pelas lutas semelhantes que ambos os grupos enfrentam dentro e fora do ambiente universitário. “O coletivo quilombola e o coletivo indígena têm muitas lutas parecidas. Então, sentiu essa necessidade para estar fortalecendo ainda mais a luta dos povos indígenas, a luta dos povos quilombolas”<sup>33</sup>. Essa união demonstra como as

---

<sup>31</sup> VIEIRA, Deleon Soares. *Líder do Coletivo de Estudantes Quilombola e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 10 de novembro de 2024.

<sup>32</sup> Idid.

<sup>33</sup> Idem.



minorias sociais podem se articular coletivamente para ampliar a força de suas reivindicações.

Embora tenha surgido em conjunto com o coletivo indígena, o coletivo quilombola optou pela desvinculação para potencializar sua atuação específica. Essa decisão visou garantir uma representação mais direcionada e uma voz mais incisiva na luta pelos direitos dos estudantes quilombolas. “Não vai ter apenas um coletivo brigando por seu direito, mas sim dois”<sup>34</sup>, destacando a estratégia de diversificar as frentes de luta e ampliar as exigências feitas à universidade.

As práticas cotidianas do coletivo evidenciam o compromisso com o enfrentamento das desigualdades e o fortalecimento do grupo. Lucas Lopes da Trindade, egresso e participante ativo do coletivo, relata que “a gente sempre busca fazer reuniões para ver o que pode melhorar, para ficar sabendo se aconteceu alguma coisa, às vezes já aconteceu de alguns discentes reclamarem alguma questão de racismo”<sup>35</sup>. Essa rotina de reuniões regulares reflete a preocupação com a escuta e o cuidado com os membros, além de servir como um mecanismo de monitoramento e ação.

Dessa forma, a formação do Coletivo Quilombola da Unifesspa representa uma iniciativa de aquilombamento contemporâneo, em que a articulação coletiva é utilizada como estratégia de resistência e permanência. A criação desse espaço evidencia a agência

---

<sup>34</sup> ( )

<sup>35</sup> TRINDADE, Lucas. *Egresso do curso de Geografia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024.



dos estudantes quilombolas em promover sua autonomia e fortalecer suas identidades no ambiente acadêmico, dialogando com autores como Abdias do Nascimento<sup>36</sup>, que destaca o quilombamento como uma forma de organização coletiva que transcende o passado histórico e permanece como instrumento de luta na contemporaneidade.

### Desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas

Os desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas no ensino superior são marcados por barreiras financeiras, acadêmicas, sociais e raciais, que dificultam sua permanência e pleno aproveitamento da experiência universitária. Raysson Santa Rosa Pinheiro destaca a dificuldade de integração dos estudantes na dinâmica universitária. Ele afirma:

E essa questão da interação, tanto social como na universidade, a gente viu muito afetada. Até então, a gente está buscando ainda, quando eu falo a gente, a gente como coletivo quilombola, que eu também faço parte. E a gente ainda percebe a questão da dificuldade dos discentes se inteirar, se adentrar na universidade, se sentir abraçados, e realmente viver a universidade, viver o ensino. Ter essa experiência de uma maneira mais... mais coletiva<sup>37</sup>

Essa reflexão evidencia a necessidade de uma rede de apoio institucional que acolha e inclua esses estudantes de maneira mais efetiva.

---

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

<sup>37</sup> PINHEIRO, Raysson Santa Rosa. *Discente do curso de Ciências Sociais e morador do Quilombo de Boa Vista*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 10 de maio de 2024. Entrevista realizada presencialmente na universidade.



A transição do contexto comunitário para o ambiente urbano e universitário apresenta desafios significativos, especialmente em termos financeiros. Natália Sacramento relata: “Eu precisei sair daqui, na minha vida aqui, ir pra uma cidade, ter que pagar aluguel, enfim, o custo da cidade. E também, em relação à faculdade em si, eu senti muita dificuldade, porque, assim, eu sentia que eu tava atrasada, sabe?” <sup>38</sup>. Esse depoimento evidencia o impacto financeiro que recai sobre os estudantes quilombolas, que muitas vezes precisam arcar com despesas como moradia, transporte e alimentação, além de lidar com a falta de recursos educacionais adequados.

O isolamento social é outro aspecto que fragiliza a experiência acadêmica dos estudantes quilombolas. Sacramento ainda compartilha:

Pra mim foi difícil porque eu não conhecia ninguém, que, por exemplo, a gente quando vai pra, a gente que eu falo é nós, alunos, jovens daqui da comunidade, sabe, quando a gente precisa fazer alguma prova em outra cidade ou precisa se mudar, sempre já tem outros jovens lá, sabe? Por exemplo, em Cametá, já tem outros jovens que te recebem ali, na casa deles, até tu te organizar. Pra mim, foi muito difícil por conta disso, porque não tinha ninguém lá. Fui eu e minhas malas! E não tinha ninguém, sabe? <sup>39</sup>

A falta de uma rede de apoio inicial agrava o sentimento de solidão e dificulta a adaptação ao novo contexto. A ausência de políticas institucionais que valorizem a cultura quilombola e promovam uma relação mais inclusiva entre a universidade e esses estudantes também é um entrave significativo. Deleon Soares Vieira, líder do Coletivo Quilombola

---

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Ibid.



da Unifesspa, enfatiza: “A universidade, ela deixa muito a desejar nessa questão da relação com o povo quilombola”<sup>40</sup>. Essa lacuna revela a necessidade urgente de iniciativas que reconheçam e valorizem a identidade quilombola dentro do ambiente acadêmico, contribuindo para uma relação mais respeitosa e inclusiva.

Portanto, os desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas envolvem não apenas barreiras individuais, mas também estruturais, que demandam soluções coletivas e institucionais. O Coletivo Quilombola da Unifesspa tem se mostrado fundamental nesse contexto, funcionando como um espaço de acolhimento, representação e luta por direitos. Contudo, há uma necessidade urgente de que a universidade reconheça essas demandas e implemente políticas que assegurem a permanência e o pleno desenvolvimento acadêmico desses estudantes.

### Estratégias de Resistência e Permanência: Apoio Mútuo, Ações Coletivas e Ocupação de Espaços na Universidade

A permanência dos estudantes quilombolas no ensino superior enfrenta desafios estruturais, como dificuldades de adaptação e episódios de discriminação racial, que vão além das barreiras econômicas e institucionais. Nesse contexto, o Coletivo Quilombola da

---

<sup>40</sup> VIEIRA, Deleon Soares. *Líder do Coletivo de Estudantes Quilombola e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 10 de novembro de 2024.



Unifesspa atua como um espaço estratégico de resistência e suporte mútuo, criando uma rede de apoio por meio de reuniões frequentes. Essas reuniões oferecem um espaço de acolhimento e também servem como canal para reivindicações, contribuindo para a sobrevivência acadêmica dos estudantes e para a transformação do espaço universitário.

Outro aspecto relevante está na recepção e integração dos novos estudantes quilombolas. Conforme relata Mariheliz Moreira Santos, assim que um estudante é aprovado na universidade, ele é inserido em grupos de comunicação e orientação. “Eles logo entram em contato, conversam, falam que vão adicionar no grupo, que tem outros estudantes que já estão estudando [...]. Vão colocando informações, fazem reunião, conversam com a gente”<sup>41</sup>. Essa prática de acolhimento revela como o coletivo atua para reduzir o impacto do deslocamento e da adaptação a um ambiente acadêmico que, muitas vezes, é percebido como hostil ou alheio às demandas culturais dos povos quilombolas.

A articulação para reivindicações coletivas é outro pilar das estratégias do grupo. Uma manifestação organizada pelo Coletivo Quilombola, com o apoio de outros grupos como o Coletivo Indígena e estudantes da Educação no Campo, evidencia a capacidade de mobilização do coletivo. Segundo Mariheliz, a manifestação, que incluiu o fechamento dos portões do campus, foi essencial para assegurar a concessão de bolsas de permanência aos estudantes calouros que ainda não tinham acesso ao auxílio do MEC. “Acho que foi

---

<sup>41</sup> SANTOS, Mariheliz Moreira. *Discente do curso de Pedagogia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024.



importante aquela manifestação para ter uma resposta na universidade. Eles deram uma resposta”<sup>42</sup>. Esse episódio ilustra a força das ações coletivas na busca por direitos e na construção de condições de permanência na universidade.

A organização da manifestação também revela a estrutura interna de articulação do coletivo. Conforme Mariheliz narra, a decisão foi tomada em uma reunião, após a constatação de que a universidade não estava respondendo às demandas dos estudantes. “O nosso representante se comunicou com a gente, fez uma reunião falando que precisávamos intervir em umas ações [...] então a gente tomou a decisão, fizemos uma reunião e decidimos ir fechar o campus”<sup>43</sup>. Essa capacidade de organização demonstra como o coletivo funciona não apenas como um espaço de acolhimento, mas também como uma instância política, que atua em defesa dos direitos dos seus membros.

Além disso, o coletivo também desempenha um papel fundamental na orientação prática dos estudantes no cotidiano universitário. John Hebert Alves Morgado<sup>44</sup> relata que, ao chegar à universidade, não sabia como utilizar o transporte público da cidade. Nesse momento, buscou ajuda no Coletivo Quilombola, onde encontrou suporte.

Tipo, sei lá, quando eu cheguei aqui eu não sabia pegar ônibus em Marabá. Aí, no caso, eu fui no Coletivo. E perguntei para um do coletivo, que acho que na época era a Paula, que era a líder do Coletivo Quilombola. Isso aí acontece de

---

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> ( )

<sup>44</sup> MORGADO, John Herbert Alves. *Discente do curso de Lic. História e morador da Comunidade Quilombola Nova Jutai*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 9 de maio de 2024.



vez em quando, mas aí, tipo, o coletivo ajuda muito nisso, questão de tirar dúvidas e também a questão da própria permanência na universidade.<sup>45</sup>

Esse exemplo reforça como o coletivo se torna uma referência de apoio para enfrentar barreiras cotidianas que poderiam comprometer a permanência acadêmica. Entretanto, os desafios estruturais enfrentados pelos estudantes quilombolas também refletem a ausência de parcerias formais entre o coletivo e a universidade. Deleon Soares Vieira, líder do Coletivo Quilombola, aponta que essa lacuna dificulta ações mais amplas e estruturantes em prol da inclusão e permanência. “A gente sente a necessidade dessas parcerias dentro da instituição com povos indígenas, povos quilombolas, povos ribeirinhos, até mesmo com a questão da educação do campo”<sup>46</sup>. A falta de preparo institucional para lidar com as especificidades culturais desses grupos é percebida como um obstáculo, mas também como um estímulo para a união de forças entre diferentes coletivos.

A relação do coletivo com o ambiente acadêmico transcende o simples suporte prático e adentra o campo da resistência cultural. Como afirma Deleon, o coletivo possui “um poder cultural muito grande”, mas a universidade ainda não está plenamente preparada para lidar com essas questões. “Isso nos deixa um pouco tristes, mas aí a gente

---

<sup>45</sup> MORGADO, John Herbert Alves. *Discente do curso de Lic. História e morador da Comunidade Quilombola Nova Jutai*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 9 de maio de 2024.

<sup>46</sup> Idem.



une força [...] para tentar ir buscar e vamos buscando, sabe?”<sup>47</sup>. Esse depoimento evidencia como o coletivo não apenas resiste às adversidades, mas também transforma o espaço universitário, abrindo caminhos para o reconhecimento das identidades culturais quilombolas.

Em síntese, as estratégias de resistência e permanência do Coletivo Quilombola da Unifesspa envolvem ações coletivas, apoio mútuo e ocupação de espaços que desafiam as estruturas excludentes da universidade. A partir de suas práticas, o coletivo não apenas garante a permanência de seus membros, mas também reafirma a importância da diversidade cultural no ambiente acadêmico, pavimentando o caminho para uma educação superior mais inclusiva e democrática.

### Relação com as Comunidades de Origem: Fortalecimento da Identidade Quilombola e Diálogo com as Tradições Comunitárias

O vínculo com as comunidades de origem é fundamental para a trajetória acadêmica dos estudantes quilombolas da Unifesspa, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e para o diálogo contínuo com as tradições comunitárias. Esse processo é evidenciado nas vivências compartilhadas pelos estudantes, demonstrando que

---

<sup>47</sup> Ibid.



o ingresso e a permanência no ensino superior estão estreitamente ligados ao quilombamento e à troca constante com as suas comunidades.

Natália Sacramento<sup>48</sup>, uma das pioneiras de sua comunidade a ingressar na Unifesspa, exemplifica como o ingresso de um estudante quilombola pode inspirar outros membros da comunidade. Ela afirma: “Eu fui uma das primeiras daqui da comunidade de Calados a conseguir entrar na Unifesspa, porque eu fui uma das únicas também que tentou”. Sua conquista abriu caminho para que outros jovens seguissem esse exemplo, com o apoio de estudantes mais experientes.

O papel dos pioneiros também é destacado por Natália Sacramento, que menciona a orientação dos novos estudantes: “Quando eu passei, a professora do cursinho até falou: ah, que bom que já tem tu lá. Caso outros jovens daqui queiram fazer, já tem tu lá pra tu receber eles!”<sup>49</sup>. Esse suporte mútuo é um reflexo de como o quilombamento se estende para a experiência acadêmica, promovendo integração e solidariedade entre os estudantes.

A troca de informações dentro das comunidades é essencial para o ingresso no ensino superior. Lucas Lopes da Trindade destaca que, ao ser informado sobre o edital do processo seletivo, ele se inscreveu com o apoio de discentes da comunidade: “Os discentes que já estudavam aqui, lá da comunidade, sempre avisavam quando o edital saía do

---

<sup>48</sup> Idem

<sup>49</sup> Ibid



processo seletivo indígena quilombola”<sup>50</sup>. Isso reforça o papel das redes comunitárias na promoção do acesso à educação superior e na manutenção dos laços de identidade.

O vínculo com as comunidades de origem também permanece ativo durante a trajetória acadêmica. Mariheliz Moreira Santos ressalta a importância do acolhimento inicial: “Logo que a gente se inscreve, que é aprovado, eles logo entram em contato. Por quê da comunidade que a gente se conhece”<sup>51</sup>. Essa conexão facilita a adaptação e o apoio emocional dos estudantes, mostrando a força das redes comunitárias quilombolas.

A identidade quilombola se fortalece por meio de manifestações culturais, como o grupo de dança de Samba de Cacete, que reúne estudantes de diferentes quilombos para preservar tradições e promover o diálogo intercultural na universidade. Os entrevistados destacaram o desejo de retornar às suas comunidades após a graduação, levando o conhecimento adquirido para contribuir com seu desenvolvimento. Muitos pretendem ingressar na pós-graduação antes de voltar, demonstrando um compromisso com o fortalecimento comunitário e a superação dos desafios estruturais enfrentados pelos quilombos.

---

<sup>50</sup> TRINDADE, Lucas. *Egresso do curso de Geografia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024.

<sup>51</sup> SANTOS, Mariheliz Moreira. *Discente do curso de Pedagogia e morador da Comunidade Quilombola de Umarizal*. [Entrevista cedida a] Gilvan Maciel Gomes. Marabá-PA, 18 de outubro de 2024.



### Considerações Finais

As considerações finais deste artigo buscam retomar o objetivo central de compreender como o processo de quilombamento promovido pelo Coletivo Quilombola da Unifesspa tem contribuído para a permanência acadêmica dos estudantes quilombolas. A pesquisa evidenciou que o coletivo, além de oferecer suporte emocional e social, atua como um espaço de resistência e fortalecimento da identidade coletiva. Essa identidade, essencial para enfrentar as adversidades de um ambiente acadêmico muitas vezes excludente, reflete a resiliência e a luta contínua desses estudantes por reconhecimento e justiça social.

O Coletivo Quilombola destaca-se como uma estratégia essencial de resistência e permanência. Ao promover acolhimento e articular ações coletivas, o grupo facilita a adaptação de novos discentes e fortalece a luta por direitos e a valorização da cultura quilombola. Manifestações como o fechamento de portões para reivindicar bolsas de permanência exemplificam a eficácia da mobilização coletiva na busca por condições mais equitativas dentro da universidade.

As narrativas dos estudantes quilombolas revelam a continuidade de movimentos históricos contra-hegemônicos, agora manifestos no espaço universitário. Essas vivências resgatam a luta histórica das comunidades quilombolas, conectando-a às demandas contemporâneas por inclusão e justiça social. Ao integrar suas experiências acadêmicas à herança cultural dos quilombos, esses estudantes reafirmam identidade e resistência,



desafiando estruturas coloniais presentes no ensino superior. Nesse contexto, o quilombamento universitário emerge como uma estratégia essencial na luta por equidade e transformação social.

Este estudo contribui para o debate sobre modernidade/colonialidade ao destacar a necessidade de reavaliar políticas de ação afirmativa e estruturas institucionais, contemplando a diversidade interna dos quilombos e promovendo uma inclusão mais efetiva. Com base no Quilombismo, perspectiva teórica crítica e contra-hegemônica, a pesquisa reafirma a importância de valorizar as vozes dos estudantes quilombolas, fundamentais para desafiar imposições hegemônicas e promover mudanças sociais. O Coletivo Quilombola da Unifesspa exemplifica a força da resistência coletiva e o protagonismo das comunidades quilombolas na construção de uma sociedade mais justa e plural.